

UM DIA TENSO EM WASHINGTON

Por conta de Fernando Milliet, irritado e sugerindo a existência de uma crise (depois negada).

O presidente do Banco Central, Fernando Milliet, disse ontem que a preocupação de alguns repórteres sobre sua visita a Washington, para encontros com o presidente do Federal Reserve, Alan Greenspan, e com o encarregado dos Assuntos Internacionais do Departamento do Tesouro, David Mulford, "é um problema de vocês, e não meu".

Os repórteres o esperavam na rua, num frio de quatro graus, e alguns até ficavam pulando para aquecer-se, porque as negociações com os bancos credores, mediadas pelo governo americano, são um problema de interesse do Brasil, e nada pessoal. Ao ouvirem o presidente do Banco Central concluir, imediatamente, que algum novo problema deveria ter ocorrido nas negociações. Mas uma fonte, mais tarde, asseguraria ao JT que não há crise.

Milliet estava acompanhado do assessor especial Fernão Bracher e do embaixador do Brasil em Washington, Marcílio Marques Moreira. Quando encontrou os repórteres do JB, Veja, TV Globo, e do JT, indicou-lhes que primeiro conversariam no carro da Embaixada, estacionado ali perto, e que depois viria para a entrevista. O encontro dentro do carro, com o motorista esperando do lado de fora, demorou cerca de 15 minutos.

Fernão Bracher saiu anunciando que tinha que voar para Nova York, onde o Comitê de Bancos Credores o esperava para uma reunião às 15 horas, e já era meio-dia e meia. Milliet também saiu advertindo que não tinha tempo, e quando ouviu um repórter dizer que tinha que informar sobre a sua visita, respondeu bruscamente que o problema não era dele, acrescentando: "Vou falar com vocês um minuto, vou entrar no carro, e vou embora. Vocês não marcaram esta entrevista".

O que vocês conversaram? — foi a primeira pergunta feita para aproveitar o "um minuto" concedido. E o presidente do Banco Central respondeu que "conversamos sobre o acordo que está em curso, pois retomamos nesta semana as negociações", informando onde foi durante o dia e que voltaria ao Brasil à noite, concluindo: "Acho que houve algum entendimento que pode ser útil nestas próximas semanas".

— Em, que área, presidente?

"No formato geral das negociações que nós pretendemos manter. Mostrei qual a importância de determinados aspectos que nós pretendemos conseguir para um pro-

grama de relançamento da economia brasileira a partir do ano que vem, quais são as dificuldades básicas que estamos enfrentando, a necessidade de recuperar a taxa de investimento no Brasil como uma forma de aliviar tensões econômicas e sociais, o esforço que estamos fazendo no sentido de termos ganhos na área fiscal, inclusive permitindo-nos uma política equilibrada. Por um lado, aliviar as taxas de juros internas e recuperar os investimentos. Acho que isso tudo faz uma programa consistente. A própria regulamentação da conversão da dívida que foi feita duas semanas atrás é uma das formas de incentivar a retomada de investimentos. O ajuste fiscal, a baixa da taxa de juros e a redução da transferência de recursos ao Exterior são os outros elementos que completam isto e que permitirão o crescimento econômico em 1989."

Como é que os americanos podem ajudar nisso?

"Evidentemente que eles representam um grande país credor do Brasil."

Encerrada a entrevista na calçada, diante do Departamento do Tesouro, o presidente do Banco Central e o embaixador do Brasil em Washington foram almoçar no FDIC, que é uma corporação federal de seguros de depósitos. O almoço foi inesperado, como se saberia depois. Foi David Mulford, o homem que criou os princípios do acordo provisório que tirou o Brasil e os bancos credores do delicado impasse em que se encontravam, quem o sugeriu, ao saber do interesse brasileiro em conhecer o modelo do FDIC.

A critério do carro que parecia ter como tema o que dizer à imprensa, não se confirmaria diante das informações obtidas junto a fontes mais tranquilas e interessadas em manter um país corretamente informado. Segundo elas, "os brasileiros não vieram pedir nada, e foram muito corteses".

Por fim, o encontro de Bracher com o Comitê de Bancos Credores acabou não acontecendo. Em vez disso, houve uma reunião técnica do diretor da Área de Dívida Externa do Banco Central, Antônio de Pádua Seixas, com advogados de banqueiros, quando passaram em revista detalhes jurídicos de alguns documentos. A reunião de Bracher com os banqueiros ficou para hoje, quando serão retomadas as negociações, que "irão devagar", segundo Francisco Braker, porta-voz do ministro da fazenda, Bresser Pereira.

Moisés Rabinovici, de Washington.